

FRANCES
HODGSON BURNETT

O jardim secreto

Tradução de
SONIA MOREIRA

Introdução e notas de
ALISON LURIE

Posfácio de
MARISE HANSEN



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da introdução e das notas © 1999 by Alison Lurie

Copyright do posfácio © 2013 by Marise Hansen

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
The Secret Garden

PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO
Leny Cordeiro

REVISÃO
Huendel Viana
Marina Nogueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Burnett, Frances Hodgson, 1849-1924.

O jardim secreto / Frances Hodgson Burnett; tradução de Sonia Moreira; introdução e notas de Alison Lurie; posfácio de Marise Hansen. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin, 2013.

Título original: The Secret Garden.

ISBN 978-85-63560-60-5

1. Ficção inglesa I. Lurie, Alison. II. Hansen, Marise III.

Título

12-14019

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura inglesa 823

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução — Alison Lurie

7

O JARDIM SECRETO

I. Não sobrou ninguém	31
II. Mariazinha enfezadinha	38
III. A charneca	48
IV. Martha	53
V. O choro no corredor	72
VI. “Tinha alguém chorando, tinha sim!”	80
VII. A chave do jardim	88
VIII. O passarinho que mostrou o caminho	95
IX. A casa mais estranha que já se viu	104
X. Dickon	115
XI. O ninho da tordoveia	128
XII. “Eu queria um pedacinho de terra”	138
XIII. “Eu sou o Colin”	148
XIV. Um jovem rajá	163
XV. Fazendo ninho	177
XVI. “Não vou, não!”, disse Mary	190
XVII. Um chilique	199
XVIII. “Nós não tem tempo a perder”	208
XIX. “Ela chegou!”	216
XX. “Eu vou viver para sempre e sempre e sempre!”	229
XXI. Ben Weatherstaff	239
XXII. Quando o sol se pôs	252
XXIII. Mágica	259

xxiv. “Deixe que eles riam”	273
xxv. A cortina	287
xxvi. “É a minha mãe!”	296
xxvii. No jardim	308
<i>Posfácio — Marise Hansen</i>	327
<i>Notas explicativas</i>	337
<i>Sugestões de leitura</i>	339

O jardim secreto

I

Não sobrou ninguém*

Quando Mary Lennox foi trazida para a Mansão Misselthwaite¹ para morar com o tio, todos diziam que ela era a criança mais antipática que eles já tinham visto na vida. E de fato era verdade. Ela tinha um rostinho chupado, um corpinho magricela, cabelo claro muito ralinho, e estava sempre de cara amarrada. Seu cabelo era amarelo e seu rosto era amarelo, porque ela havia nascido na Índia e vivia pegando uma doença atrás da outra. O pai dela trabalhava para o governo inglês² na Índia e estava sempre muito ocupado, além de viver adoentado também. A mãe era uma mulher muito bonita que só queria saber de festas e de se divertir com gente alegre. Jamais tivera vontade de ter filhos e, quando Mary nasceu, ela a entregou aos cuidados de uma aia,³ dando a entender à criada que, se quisesse agradar a *mem sahib*,⁴ ela deveria manter a criança longe de sua vista o máximo possível. Então, quando era uma bebezinha feia, birrenta e enfermiça, Mary foi sempre mantida à distância dos pais; e quando virou uma menininha feia, birrenta e

* O texto-fonte desta tradução é baseado na primeira edição de *O jardim secreto*, publicado por Grosset & Dunlap em 1911. (N. E.) As notas de Alison Lurie, numeradas, aparecem no final do livro. As demais notas de rodapé, sempre chamadas com asterisco, são da tradutora.

enfermiça, Mary continuou sendo mantida à distância. Os únicos rostos que ela se lembrava de ver com frequência suficiente para se tornarem familiares para ela eram os rostos escuros de sua aia e dos outros criados nativos. E como eles sempre obedeciam suas ordens e lhe faziam todas as vontades, porque a *mem sahib* ficava zangada quando era importunada pelo choro dela, aos seis anos de idade Mary já era a tiraninha mais mandona e egoísta que já se viu. A jovem preceptora* inglesa que foi contratada para ensinar Mary a ler e escrever ficou tão horrorizada com ela que pediu demissão do emprego depois de três meses, e todas as outras preceptoras que tentaram dar conta da tarefa depois ficaram ainda menos tempo no emprego do que a primeira. Assim, se não tivesse decidido que queria muito saber ler livros, Mary jamais teria chegado a aprender o abecê.

Numa manhã de calor infernal, quando tinha uns nove anos, Mary acordou muito mal-humorada e ficou mais mal-humorada ainda quando viu que a criada que estava ao lado de sua cama não era a sua aia.

“O que você está fazendo aqui?”, Mary perguntou à estranha. “Eu não quero você. Vá chamar a minha aia.”

A mulher fez uma cara assustada, mas, em vez de obedecer, disse apenas, gaguejando, que a aia não podia vir. Quando Mary começou a dar chilique e a bater na criada e chutá-la, a mulher só ficou mais assustada ainda e repetiu que a aia não podia vir cuidar da menina *sahib*.

Havia algum mistério no ar naquela manhã. Nada estava sendo feito na ordem habitual, e Mary tinha a impressão de que havia muito menos criados que de costume na casa. Além disso, os poucos criados que ela viu estavam se esgueirando pelos cantos ou andando às pressas de um lado para o outro, com rostos pálidos e apa-

* Pessoa encarregada da educação de uma criança e que geralmente dava aulas na casa da própria criança. (N. T.)

vorados. Mas nenhum deles lhe disse nada e sua aia não apareceu. Mary, na verdade, ficou abandonada durante boa parte da manhã e, por fim, acabou decidindo ir para o jardim e brincar sozinha debaixo de uma árvore, perto da varanda. Fingiu que estava fazendo um canteiro de flores e espetou grandes botões vermelhos de hibisco em montinhos de terra. E o tempo todo, enquanto brincava, ia ficando cada vez mais zangada, resmungando consigo mesma o que iria dizer para Saidie quando ela aparecesse e os nomes feios de que iria chamá-la.

“Sua porca! Filha de uma porca!”, Mary dizia, porque chamar um nativo de porco era a pior ofensa que havia.

Mary estava rangendo os dentes e repetindo sem parar essas palavras quando ouviu sua mãe sair para a varanda junto com mais alguém. Quem estava com ela era um rapaz claro e os dois conversavam em voz baixa de um jeito estranho. Mary conhecia aquele rapaz claro, que parecia um garoto. Tinha ouvido alguém dizer que ele era um oficial muito jovem, que havia acabado de chegar da Inglaterra. Mary ficou olhando para ele com muita atenção, mas olhava com mais atenção ainda para a mãe. Sempre fazia isso quando calhava de vê-la, porque a *mem sahib* — Mary a chamava mais por esse nome do que por qualquer outro — era uma pessoa tão alta, tão esguia, tão bonita e usava sempre roupas tão lindas! O cabelo dela era como fios de seda cacheados, seu narizinho delicado dava a impressão de estar sempre desdenhando das coisas e os olhos grandes pareciam estar sempre rindo. Todas as suas roupas eram leves, finas e esvoaçantes, e Mary dizia que elas eram “cheias de renda”. Pareciam mais cheias de renda do que nunca naquela manhã, mas seus olhos não estavam rindo nem um pouco. Estavam arregalados e assustados e se erguiam com ar de súplica na direção do rosto do jovem oficial.

“É mesmo tão grave assim? Ah, é mesmo tão grave?”, Mary ouviu-a dizer.

“Infelizmente, é”, o rapaz respondeu, com voz trêmula. “Infelizmente, é muito, muito grave, senhora Lennox. Vocês deviam ter ido para as montanhas duas semanas atrás.”

A *mem sahib* retorceu as mãos, nervosa.

“Ah, eu sei que nós devíamos!”, exclamou. “Eu só fiquei para ir àquela festa boba. Como fui idiota!”

Naquele exato instante, ouviu-se um berreiro tão alto vindo das cabanas dos criados que a *mem sahib* se agarrou ao braço do rapaz e Mary começou a tremer da cabeça aos pés. O berreiro ficava cada vez mais desesperado.

“O que é isso? O que é isso?”, perguntou a sra. Lennox, ofegante.

“Alguém morreu”, respondeu o jovem oficial. “A senhora não me disse que os empregados também estavam doentes.”

“Eu não sabia!”, bradou a *mem sahib*. “Venha comigo! Venha comigo!”, disse ela, virando-se e correndo para dentro da casa.

Depois disso, coisas terríveis aconteceram, e o mistério daquela manhã foi explicado a Mary. A cidade tinha sido atingida pelo cólera⁵ em sua forma mais fatal e as pessoas estavam morrendo feito moscas. A aia havia adoecido durante a noite, e foi porque tinha acabado de morrer que os criados haviam começado a berrar e a chorar nas cabanas. Antes que o dia seguinte raiasse, três outros criados morreram e vários fugiram, apavorados. Havia pânico por toda parte e pessoas morrendo em todas as casas.

Durante a confusão e o atordoamento do segundo dia, Mary se escondeu em seu quarto e foi esquecida por todos. Ninguém pensou nela, ninguém a queria, e as coisas estranhas que aconteceram não chegaram ao seu conhecimento. Conforme as horas se passavam, Mary ora chorava, ora dormia. Só o que ela sabia era que as pessoas estavam doentes e que ela ouvia ruídos misteriosos e assustadores pela casa. Uma vez, foi andando pé ante pé

até a sala de jantar e a encontrou vazia, embora houvesse restos de uma refeição em cima da mesa. Pela posição dos pratos e das cadeiras, parecia que as pessoas que estavam comendo tinham se levantado de repente, por alguma razão, e os empurrado para trás às pressas. Mary comeu algumas frutas e biscoitos e, como estava com sede, tomou um copo de vinho quase cheio que encontrou em cima da mesa. O vinho era doce e ela não tinha ideia do quanto era forte. Pouco depois, ela começou a se sentir muito, muito zozza, voltou para o quarto e se trancou lá dentro de novo, assustada com os gritos que vinham das cabanas e com os sons de passos apressados que volta e meia ouvia. O vinho lhe deu tanto sono que ela mal conseguia ficar de olhos abertos. Então, deitou na cama e se esqueceu do mundo por um bom tempo.

Muitas coisas aconteceram durante as horas em que ela dormiu, mas seu sono pesado não foi perturbado nem pelos berros, nem pelos ruídos de coisas sendo carregadas para dentro e para fora da casa.

Quando acordou, Mary ficou deitada, olhando para a parede. A casa estava em absoluto silêncio. Ela nunca tinha visto a casa tão quieta daquele jeito. Não ouvia vozes nem passos, e ficou se perguntando se todo mundo já teria ficado bom do cólera e se toda a confusão já teria passado. Perguntava-se também quem iria tomar conta dela, agora que sua aia havia morrido. Provavelmente uma nova aia seria contratada, e talvez ela aprendesse algumas histórias novas. Mary já estava meio cansada das histórias antigas. Não chorou porque sua aia tinha morrido. Não era uma criança afetuosa e nunca havia ligado muito para ninguém. Os barulhos, a correria e o berreiro por causa do cólera a amedrontaram, e ela ficara zangada porque ninguém parecia se lembrar que ela estava viva. Todo mundo estava apavorado demais para pensar numa garotinha de quem ninguém gostava. Quando as pessoas pegavam cólera, parecia que elas

não conseguiam pensar em mais nada a não ser em si mesmas. Mas se todo mundo já tivesse ficado bom, com certeza alguém se lembraria dela e viria à sua procura.

Mas ninguém veio e, enquanto ela esperava deitada na cama, a casa parecia ficar cada vez mais silenciosa. Então, Mary ouviu alguma coisa rastejar pelo tapete e, quando olhou para baixo, viu uma cobrinha atravessando o quarto e vigiando-a com olhos que pareciam joias. Mary não ficou com medo, pois a cobra era uma coisinha inofensiva que não seria capaz de lhe fazer mal e, além disso, parecia estar com muita pressa de sair do quarto. Observada pela menina, a cobra passou por baixo da porta e foi embora.

“Que estranho. Está tudo tão quieto”, disse Mary. “Parece até que não tem ninguém em casa a não ser eu e a cobra.”

Instantes depois, ela ouviu ruídos de passos no terreno lá fora e em seguida na varanda. Eram passos de homens, e eles entraram na casa e ficaram conversando em voz baixa. Ninguém apareceu para falar com eles, e Mary teve a impressão de que eles estavam abrindo portas e olhando para dentro dos cômodos.

“Que tristeza!”, ela ouviu um deles dizer. “Aquela mulher tão linda! Imagino que a criança também. Quer dizer, me disseram que havia uma criança, embora nunca ninguém a tenha visto.”

Mary estava parada no meio do quarto quando eles abriram a porta, alguns minutos depois. Parecia uma criaturinha feia e zangada e franzia muito a testa, porque estava começando a ficar com fome e com muita raiva por ninguém ter aparecido para cuidar dela. O primeiro homem que entrou no quarto era um oficial grandalhão que ela já tinha visto uma vez, conversando com o pai dela. Ele parecia cansado e preocupado, mas, quando a viu, levou um susto tão grande que quase deu um pulo para trás.

“Barney!”, ele gritou. “Tem uma criança aqui! Uma criança sozinha! Num lugar como este! Valha-me Deus! Quem será ela?”

“Eu sou Mary Lennox”, a garotinha disse, empertigando-se. Achou que o homem tinha sido muito grosseiro ao chamar a casa do pai dela de “um lugar como este”. “Peguei no sono quando todo mundo estava com cólera e acabei de acordar. Por que ninguém veio aqui?”

“É a criança que ninguém nunca viu!”, exclamou o homem, virando-se para os colegas. “Ela foi esquecida de verdade!”

“Por que eu fui esquecida?”, perguntou Mary, batendo o pé no chão. “Por que ninguém veio aqui?”

O rapaz chamado Barney olhou para ela com enorme tristeza. Mary teve a impressão de que ele até piscou os olhos como quem quer impedir que lágrimas brotem.

“Coitadinha!”, disse ele. “Não sobrou ninguém para vir aqui.”

Foi dessa forma estranha e repentina que Mary soube que não tinha mais nem pai nem mãe, que os dois haviam morrido e sido levados embora durante a noite, e que os poucos criados nativos que não tinham morrido também haviam ido embora da casa o mais rápido que puderam, sem nem sequer lembrar que existia uma menina *sahib*. Era por isso que estava tudo tão quieto. E era verdade que não havia ninguém na casa a não ser Mary e a cobrinha rastejante.